



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5891 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

Universo Paralelo: trabalho docente em um contexto de ensino bilíngue

Luana Francine Mayer - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Rosana Mara Koerner - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Universo Paralelo: trabalho docente em um contexto de ensino bilíngue

Este resumo é um recorte de uma pesquisa em andamento intitulada “prática em foco: desafios entre a formação inicial e o fazer pedagógico no contexto de ensino bilíngue” e tem como objetivo identificar as características que tornam o contexto de ensino bilíngue relevante e como elas causam impacto no trabalho docente. Por meio de uma abordagem qualitativa, utilizou-se questionário escrito, grupo de discussão e entrevista individual como instrumentos para geração de dados. As vozes de Harmers e Blanc (2000), Almeida Filho (1993) e Vygotsky (1996) ajudaram a fundamentar a análise, feita sob o viés da Análise Crítica do Discurso. Para Fairclough (2001, p. 91), “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo”. Assim, conduziram-se interpretações e explicações dos textos produzidos pelas professoras pensando nas relações entre suas práticas discursivas e práticas sociais. A questão norteadora deste recorte é: quais são as características do universo que compreende o contexto de ensino bilíngue numa escola da região norte de Santa Catarina e quais as implicações dessas características no trabalho docente? A problemática reside no trabalho docente desse professor, ao considerar que ainda não há formação específica para que seu trabalho aconteça em tal contexto.

Ao estudar a literatura produzida a respeito de educação bilíngue, percebe-se que as nomenclaturas e conceitos tampouco são coincidentes o que indica a complexidade deste campo de trabalho. As regularidades que surgem como traços que diferenciam esse contexto do contexto curricular são: salas temáticas, aulas no contra turno, as expectativas dos pais em relação à oralidade na língua estrangeira e as orientações da instituição que preconizam o uso do lúdico nas práticas pedagógicas das professoras. As conclusões sugerem que tais traços influenciam não só o modo como as professoras enxergam a si, auto responsabilizando-se, mas também orientam seu fazer docente e aquilo que esperam conseguir. Por tudo isso, a investigação pode dar luz às práticas pedagógicas delineadas num contexto onde os professores se veem desafiados a trabalharem com crianças, em outro idioma, na busca pelo desenvolvimento de conteúdos de ordem diversa.

Inicialmente, aponta-se que enquanto algumas das professoras do corpo docente bilíngue dão aulas no curricular, outras são contratadas apenas para a demanda do programa. Ainda, há na instituição uma coordenadora que trabalha especialmente com as docentes do programa bilíngue. Portanto, existe um grupo de professoras que se ocupa majoritariamente

dessas aulas. Cada uma das professoras que trabalha no corpo docente bilíngue tem uma sala ambiente. Na visita ao espaço é possível perceber que cada professora faz a decoração de sua sala com elementos que conversam com seus interesses: uma faz a decoração com muitos cactos e plantas, outra a faz com símbolos que representam o universo, e assim por diante. A decoração acontece antes do ano letivo começar e a intenção das professoras com as salas tema, na fala da Professora Lulu, é *envolver eles [os alunos] com alguma coisa*. Com relação ao espaço físico, as salas das séries iniciais do bilíngue são menores porque as turmas têm menos alunos. As salas possuem mesas redondas para as crianças sentarem juntas e tatames para que possam sentar no chão. Nas paredes, cores, cartazes, produções dos alunos e outros elementos que cada professora escolhe expor que caracterizam a identidade das professoras que as montam. É perceptível que as professoras buscam situar-se nesse contexto de ensino trazendo para suas salas elementos que deem pistas sobre suas identidades. Para Ciampa (1987, p. 157) “identidade é história e [...] não há identidade fora de uma história”. Aqui, lê-se as professoras como profissionais que buscam uma identidade (nova ideia de professor, novo dever-ser), posto que desempenham um papel diferente dos professores do curricular.

Bartlett (2007) discute o papel do que chama de artefatos culturais físicos e não-físicos que, segundo ela, contribuem com a legitimidade de identidades de sujeitos que se inserem em novas práticas de letramento. Pensamos que apesar desse recorte de pesquisa não tratar de práticas de letramento, a discussão da autora conversa com a análise a respeito de algumas características do bilíngue na escola. As professoras que trabalham no programa bilíngue usam jalecos diferentes dos professores que atendem os alunos do curricular. Seus jalecos são azuis escuros com a seguinte mensagem bordada nas costas: “I’m a bilingual teacher” em oposição aos jalecos azuis claros usados pelos demais professores. No bilíngue, também, os alunos são incentivados a se referir às docentes como “Ms” ou “Mrs” numa tentativa de trazer para suas aulas o modo como estudantes americanos se referem a seus professores. Sugerimos, assim, que os jalecos diferenciados e as salas ambiente são exemplos de artefatos culturais físicos (ou materiais) bem como o modo de se dirigir à professora seja um artefato cultural não-físico, e ambos exemplos legitimam as identidades dos sujeitos envolvidos com esse contexto de ensino. Frente a essa problematização, sugerimos que o conjunto de artefatos físicos e não-físicos presentes no universo bilíngue contribui para acolhidas diferentes entre os alunos, no qual eles assumem papéis que seriam equivalentes ao de par experiente, à luz de Vygotsky (1996), que versa sobre o desenvolvimento potencial, ou seja, a distância entre aquilo que a criança já sabe e o que pode desenvolver com a ajuda de alguém mais experiente. Em contrapartida, poderíamos afirmar que as salas de aulas temáticas, embora uma expressão material da identidade de cada professora, pudessem contribuir para o isolamento docente, que, segundo Marcelo (2009), é favorecido pela arquitetura escolar e responsável por obstáculos quando se trata de aprender com os outros e reconhecer dificuldades. Mesmo assim, as professoras dão ênfase a um ambiente de colaboração. Suas trajetórias que são individuais, constantemente se entrelaçam com as trajetórias de suas colegas mais ou menos experientes.

É possível afirmar que o bilíngue, no contexto da escola pesquisada, aparentemente se consolida como um universo à parte. Nas palavras de Almeida Filho (1993, p. 18): “[...] o que faz o professor ensinar como ensina é basicamente a sua abordagem que varia entre os pólos do explícito/conhecido e do implícito/desconhecido”. As professoras, por várias vezes, fazem uso de expressões como *eu não consigo* em um tom que soa como desabafo ou confissão. Usam, inclusive, o *jeito* para justificar o menor nível de habilidades de comunicação oral de seus alunos em comparação com os alunos de professoras cujas abordagens, em sua visão, são mais envolventes. Tal recorrência sugere que há certa auto responsabilização como se as preferências pessoais de cada uma, talvez até traços de suas personalidades, estejam ligadas em maior ou menor medida com o que pode ser considerado lúdico.

O aparecimento das palavras *lúdico* e *diferente* e as menções a *jogos*, *brincadeiras*, *inovação*, *algo prazeroso*, *descoberta* e *envolver* em diferentes momentos da geração de dados e de maneira espontânea e sem expectativas de tamanha presença torna significativa a força desse elemento nas aulas do universo bilíngue. No entanto, a aproximação aos dados fez com que essa percepção se ampliasse. Na oração *o bilíngue é para ser lúdico*, percebe-se que a força do diferente é o ‘diferencial’ nas abordagens dessas professoras e, portanto, do universo que elas criam, mesmo que os alunos estejam nos anos finais do Ensino Fundamental. Pensando nas ausências que as palavras desvelam e também nas tradições de ensinar, parece razoável apontar que o aparecimento do lúdico se dá porque as professoras se encontram em meio a forças diversas, como sugeriu Almeida Filho no excerto anterior: a necessidade de criar um universo onde a língua alvo seja vista, ouvida, e até mesmo sentida todo o tempo, como algo vivo e pulsante para que a expectativa da fala autônoma e independente dos alunos aconteça.

Ainda, apesar de as professoras entenderem que não ensinam a língua de uma forma descolada da realidade e que a aquisição de repertório linguístico leva tempo, parece ser esperado que os alunos falem em um curto espaço de tempo. Nesse sentido, destaca-se que a fala que as professoras buscam é uma fala autônoma. Para Pesce (2008, p. 33) “a autonomia está ligada à ideia de liberdade e independência”. Para essas professoras, não basta que os alunos reproduzam frases prontas a partir de modelos. Elas esperam que seus alunos consigam se expressar em inglês o máximo de tempo possível em uma variedade de situações.

Percebe-se também que o discurso dos pais e o discurso da instituição permeiam o modo de agir das professoras e podem até mesmo influenciar a maneira como elas se enxergam em sua profissionalidade. Infere-se que sem essas professoras e seus esforços, suas sensibilidades, suas inquietações, suas colaborações e suas subjetividades, o bilíngue poderia ser apenas uma extensão do que é o curricular: mesmos conteúdos, porém ministrados em inglês, seguindo a mesma dinâmica das aulas tradicionais que, entende-se que na visão delas, parecem ser aulas com menor medida de envolvimento dos alunos com o que acontece na sala de aula.

Depreende-se que há um interesse genuíno em buscar a motivação dos alunos e promover a negociação de significados por meio de “interações sociais autênticas ocorrendo entre professores e alunos que não fazem papéis simulados de outras pessoas em outros lugares, mas sim os seus próprio (re)construtores de conhecimento”. (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 31) Entende-se que tal busca não é espontânea, mas se dá em meio às forças potenciais (ALMEIDA FILHO, 1993) que estão em constante tensão, e a partir desse lugar, que poderia até ser considerado um entre-lugar, é onde as professoras, cotidianamente, constituem-se como professoras que trabalham no contexto de ensino bilíngue, fundamentais na criação e manutenção desse universo paralelo aparentemente deveras dinâmico e singular.

Enfatiza-se que a intenção desta pesquisa e deste recorte não é classificar o contexto de ensino bilíngue como melhor ou pior que o contexto curricular, nem sugerir que haja falhas nas abordagens dos professores do corpo docente curricular, mas talvez a ênfase no adjetivo *diferente* e no verbo *envolver* sugira que as aulas curriculares não sejam *lúdicas* e *criativas* na visão das professoras participantes da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: ensino bilíngue; trabalho docente; práticas pedagógicas; educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C. P. Dimensões Comunicativas no ensino de línguas. Campinas, SP: Pontes, 1993.

BARTLETT, Lesley. To seem and to feel: situated identities and literacy practices. Teachers College Record, Columbia University, v. 109, n. 1, p. 51-69, January 2007.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HAMERS, J.; BLANC, M. Bilinguality and Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MARCELO, Carlos Garcia. A identidade docente: constantes desafios. Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente. Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/8/6>. Acesso em 22 abr. 2019

PESCE, M. K. Autonomia: possibilidade na prática do professor de língua inglesa. In: Letras reflexões e ações docentes. Orgs. Taiza Mara Rauen Moraes, Regina Back Cavassin. Joinville, SC. UNIVILLE, 2008.

VYGOTSKY, L. Pensamento e linguagem. SP: Martins Fontes, 1996.